

EDUCAÇÃO.

EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÕES.

XIV.

Augusto acabava de completar dez annos de idade; e seu pae que até então tinha sido o seu unico preceptor, julgou conveniente confial-o dahi em diante aos cuidados de uma outra, pessoa, que mais convenientemente o guiasse pelos caminhos da sciencia.

Os disvellos de seu bom pae tinham ajudado Augusto a adquirir os conhecimentos rudimentaes de instrucção primaria; e os bons exemplos e conselhos, tanto d'elle como de sua amorosissima mãe, tinham cooperado para inspirar no filho sentimentos de piedade e de candura.

Augusto nunca fôra avesso ás doutrinas que recebia na casa paterna. Dotado de boa indole, era humilde, attencioso, caritativo, diligente nos seus deveres, e respeitoso para com os seus maiores. Tinha bebido lições de boa moral; e era já religioso e temente a Deus, o quanto pôde ser uma criança da sua idade. Era no entanto um pouco acanhado; e resentia-se bastante dessa educação toda cazeira, que aliaz húa em certos respeitos, não deixa de ser defeituosa em outros.

O circulo chamado—familia—tem por certo mui estreitas proporções, para unicamente ali se preparar o homem, que tem de viver nesse outro extenso, chamado—sociedade.

Si a criatura humana tivesse de viver sempre entre os seus mais relacionados; si podesse limitar-se á casa e á familia de seus progenitores; si não fôra dependente dessas relações, communicações, obrigações e dependencias para com a sociedade em geral, a que toda a criatura está sujeita: então bem poderia ella dispensar as doutrinas, e o saber que só na sociedade se adquire; mas é que o homem, ente todo social, nascido para a sociedade, e que nella tem de viver e lidar toda a sua vida, necessita ser educado convenientemente a bem preencher as funções de membro da mesma sociedade.

Uma educação domestica ajuizada é boa, nós o repetimos, porém tem seus inconvenientes; e assim é defeituosa. Isto mesmo comprehendeu o pae de Augusto; e logo que julgou occasião opportuna, tratou de pôr seu querido filho em um collegio, onde sobre as famozas bazas de educação que lhe havia dado, devia continuar a construcção do edificio, que fizesse sobresahir os seus talentos, e brilhar as suas virtudes.

Como pae amante e prudente, foi só depois de minuciosas indagações e de bem informado á cerca da superioridade de uma casa de educação, que elle destinou ali deixar a sua querida prenda, confiada aos paternaes cuidados do probo e digno director.

Antes, porém, de separar-se de seu filho, quiz ainda dar-lhe uma ultima lição; e lição tal que resumisse todos os conhecimentos e doutrinas; e assim o fez receber de coração o preceito dos Proverbios do Divino Salomão:

« O principio da sabedoria é o temor do Senhor: e a sciencia dos Santos é a prudencia. »

« Possue a sabedoria, pois que ella é melhor do que o ouro; e adquire a prudencia, pois que ella é mais preciosa do que a prata. »

Nutrido de tão bons principios, entra Augusto como pensionista em um collegio, onde tambem a moral e um bom regimen deviam mais arraigal-os em seu coração. Timido e saudoso, ficou o nosso alumno por algum tempo sentado no lugar, que lhe destinara o seu novo preceptor; mas logo que a calma lhe foi chegando, e que elle começava a cobrar alento com a recordação das instrucções que seu pae lhe havia dado, as suas vistas foram attrahidas por um quadro que pendia da parede opposta, que mesmo d'onde estava pôde lêr:

« Aquelle que lavra a sua terra, será farto de pão; mas o que se entrega ao ocio, é quanto pôde ser insensato. »

Era uma nova lição que Augusto acabava de receber; era o primeiro preceito que no collegio recebia, e da mesma fonte do ultimo que recebera de seu pae.

Augusto entregue á esta consideração, teve

por muito tempo os olhos fitos no quadro que assim lhe infiltrava na alma principios tão salutaros; que si bem os não comprehendesse ainda, já lhe produziam uma impressão de acatamento. Depois de lêr e re-lêr, por diferentes vezes, os salientes caracteres do quadro, como tocado de um pensamento e de curiosidade, volta seu rosto para o lado opposto, e fica maravilhado, vendo justamente defronte do quadro, que tanto atrahira suas vistas, um outro semelhante; e em que estava escripto egualmente, em letras bem visiveis, este outro Proverbio:

« O homem será conhecido pela sua doutrina: mas o que é vão, e não tem senso, estará exposto ao despreso. »

Augusto tambem lêu, mais de uma vez, o conteúdo deste outro quadro; e começou a pensar que ambos lhe offereciam os principios que elle devia seguir e ter sempre em lembrança; e deste modo fez sempre todo o possivel por ser trabalhador e diligente nos seus estudos; e por ser comedido em todas as suas acções e prudente em todos os seus ditos. Estudava com affinco e desejo de fazer progressos; e nunca se poupou a fadigas para bem illustrar a sua intelligencia.

Em pouco tempo, Augusto foi considerado o melhor estudante do collegio; e era de todos respeitado e gozava a estimação geral.

O director do collegio e todos os professores-lhe votavam a mais sincera amizade; e lhe davam a mais plena liberdade, pois que estavam certos que merecia uma, e nunca abusaria da outra.

Gozando de tanta estimação e tanto credito no collegio; e já cursando estudos superiores, em um bom dia, pediu Augusto ao director que lhe concedesse pendurar tambem em uma das outras paredes da aula mais um quadro, em que elle tinha escripto este outro Proverbio:

« Aquelle que deixa a disciplina experimentar indigencia e ignominia; mas o que se sujeita a quem o reprehende será glorificado. » Que julgava tambem conveniente estar sempre patente ás vistas de educandos. Então o director do collegio, concedendo-lhe collocar o seu quadro no lugar desejado, o encarregou de escrever de egual modo, para ser exposto fronteiro a elle, o Proverbio 1.º cap. 12 que diz:

« Aquelle que ama a disciplina, ama a sciencia, mas o que aborrece ás reprehensões é um insensato. »

E agora que patentes vos estão os pre-

ceitos, que fizeram a felicidade de Augusto, começemos a dar provas de que tambem desejamos ser felizes. Resemos.

C. Y. 24 de Abril de 1857.

MISERIAS DA ESCRAVATURA.

(SCENAS VERIDICAS).

(Continuado de p. 94.)

VI.

O crioulo queria se vingar a todo custo. Ha certa classe de gente, em quem a tendencia para o mal é tão pronunciada, e unida á ignorancia é tão cega e estúpida, que não vê que no mal que vai practicar tambem compromette seus interesses e por vezes a propria vida.

O crioulo pertencia a esta classe.

A ultima scena, passada entre elle e Antonio, elevara-lhe o orgulho até a loucura; o desejo da vingança dominou-lhe o espirito.

Retirou-se para casa. Ou fosse prazer que de ante-mão saboreava pelo que ia practicar, ou—ser humano, a consciencia lhe doesse um pouco,—o caso é que o crioulo não pode dormir.

Amanheceu. O crioulo que nunca ouvira o toque da busina foi agora o primeiro a ouvir-a e a levantar-se.

Altos projectos preoccupavam-lhe a mente... Nem teve vontade de luzir as carapinhas que, sem o diario azeite, se erguiam meio curvadas, como certos juncos ao passar as enxurradas da chuva.

O fazendeiro costumava levantar-se cedo, e, em seguida, ia passear pelo estabelecimento para observar-lhe a boa ordem. O crioulo era o incumbido de levar-lhe o café. Aproveitando a occasião em que o senhor estava só foi lho levar.

—Meu senhor, disse elle com certo ar de mysterio, tenho de contar a meu senhor um segredo... E' um desaforo, e...

—Falla, moleque! interrompeu o fazendeiro que conhecia a especie de *amolador* com que tractava: diz depressa o que temos.

—Meu senhor, eu descubri que Antonio e Roza não são irmãos, elles dizem que o são para poderem fazer as suas bandalheiras...

—O que é que estás ahí dizendo, negro?

—Sim senhor, é a verdade, Roza e Anto-

nio não são irmãos. Todas as noites Roza abre a janella que dá para o quintal e Antonio entra. Eu vi...

—Vai chamar o feitor immediatamente. Olha que se estás mentindo caro te custará a tua descoberta.

—Por Deus, meu senhor, em como é verdade. Meu senhor pode vér com seus olhos se esta noite quizer entrar no cesto...

—Anda! vai chamar o feitor!

O crioulo partio tocando castanholas em signal de satisfação.

Nesse dia os pretos tinham ficado para recolherem o café já dessecado aos seus lugares.

O fazendeiro esperou que o feitor viesse. Cumpre notar que a sua cholera tambem se estendia a este pastor de rebanho que na sua negligencia não percebêra que era enganado por dois estupidos africanos.

O feitor chegou.

—O que ordena o patrão? perguntou elle encostando-se ao cabo do seu longo relho.

—Ordeno que o senhor seja diligente, que lembre que me ganha o dinheiro para me descansar um pouco, e não para deixar que os negros façam bandalheiras mesmo dentro em minha casa!...

—Então o que temos, patrão?

O fazendeiro contou-lhe o que o crioulo lhe havia referido, e accrescentou: E' a ultima vez que isto se hade passar em minha casa, ou o Senhor deixará de ser meu feitor—Tenho dito.

E virou-lhe as costas.

O feitor empallideceu um pouco, mas resignou-se. Voltando-se então para o crioulo que triumphante lhe disse: Olha, moleque, que se isso não fór verdade—justaremos nossas contas um dia...

—Sim, Senhor, Vmc. pôde hoje mesmo se verificar. Vmc. se esconda debaixo do cesto e verá.

—Qual cesto, moleque?

—Hoje de noite eu lhe mostro o lugar onde Vmc. deve ficar.

—Pois bem, mas vê lá se é mentira...

Com effeito á noite o feitor mettu-se debaixo do cesto e esperou. O crioulo, porém, marcou-lhe a hora muito de cedo, desórte que o pobre diabo curtia horas inteiras naquella posição encommoda.

Porém, em vez de Antonio vir foi Roza que abrindo a janella, saltou fóra e passando rente pelo cesto foi desapparecer na escuridão. O feitor ainda esperou por algum tempo a ver se ambos voltavam, finalmente perdendo a

paciencia, levantou-se soffrivelmente furioso de se ver assim ludibriado.

Para mal de seus peccados, o crioulo, na sua ancia de victoria, espreitando de longe, tinha visto um vulto retirar-se, e não podendo distinguir quem era, julgou ser Antonio e veio radiante de prazer ter com o feitor.

O feitor passou-lhe a mão immediatamente e começou a soval-o com vontade. Era bonito ver o crioulo pular d'um lado e de outro, gritar, chorar, retorcer-se preso ao pulso de ferro do feitor, mas sempre jurando em como era verdade o que contára.

Esta sova trouxe dois beneficios: o primeiro corrigir um pouco o genio *abelhudo* do crioulo, o segundo adiar por algum tempo o castigo de que Antonio seria victima. O caso era este: Antonio, nessa noite, havia convidado Roza para irem a povoação beber a sua pinga junctos, e como elle se demorasse Roza sahira só para ir se encontrar com elle. Eis a razão porque o feitor não o vio nessa noite. Acreditando, porém, que havia alguma coisa entre elles, foi entretanto *alisando o pello* do moleque que lhe tinha feito ouvir palavras duras do fazendeiro, e passar mal a noite. Ora, era quando o crioulo gritava e jurava, que ambos elles se retiravam da povoação, e Antonio ouvindo aquelle barulho fóra de horas correu a indagar o facto: Poude então ouvir algumas palavras entre as quaes o seu nome era pronunciado pelo crioulo e viu que se tractava d'elle. Então prestou mais attenção e poude perceber que, por entre choro, o crioulo dizia ao feitor que viesse na noite seguinte verificar-se do facto... Nada mais poude ouvir, mas era sufficiente para oriental-o, e fazer com que, d'ora em diante, elle procurasse outros meios para se communicar com Roza.

Por isso, o feitor, na noite seguinte, e em outras, embalde o esperou.

O crioulo era vencido, e passava por mentiroso, e alem disso pesava sobre elle a promessa de duas sovas.

Então elle poz tudo em acção para descobrir as occasiões em que Antonio e Rosa se communicavam. O acaso veio favorecel-o.

Um dia, quando os negros se achavam no cafesal, o crioulo saiu de casa para ir ao matto. Dirigiu-se para o lugar donde elle tinha, na vespera, armado alguns laços para pegar passaros. O lugar, junto ao cafesal era escuro, em consequencia da porção de *sambambaias* e cipós que se enlaçavam. Em certa distancia elle viu um vulto mexer-se

e prestou então attenção. Conheceu que era Antonio, e logo depois avistou Rosa que o esperava.

O crioulo afastou-se do logar e veio ter com o feitor e convidando-o em altas vozes, de maneira a ser ouvido pelos outros pretos, a vir ver em como Antonio, saindo do serviço as escondidas estava com Rosa que não era sua irmã.

Com effeito o feitor seguiu-o e avistou no logar indicado, Rosa e Antonio que conversavam a seu gosto.

Callou-se, porém, porque o castigo devia ser decidido pelo fazendeiro, e a noite, medindo o café colhido, o facto de Antonio nesse dia haver colhido menos, deu pretexto a que elle fosse chamado para o interrogatorio que passamos a expor, e a dar occasião a que o preto velho exclamasse, ao vel-o retirar-se: Pobre de Antonio!...

(Continúa.)

NURANJAN.

Nuranjan, em que scismas tão triste,
Ai, tão triste em que scismas assim?
Os sorrisos da infancia banniste,
Porque os trocas por dores sem fim?
Tua irman, teus irmãos, teus parentes
No terreiro lá folgam contentes
Aos sons rudos do rudo tambor.
Tua falta os crioulos lamentam;
Já de novo os tambores aqueçam,
Por ti brada o seu ledo clamor.

Em que scismo? Em que scisma a captiva?
Ah, da negra o que importa o scismar?
Destes sonhos ninguem não me priva,
Ai, deixae-me, deixae-me sonhar!..
Vês a lua, que brilha serena,
Solitaria como alma que pena,
A vagar pelos campos d'além?
Porque os brilhos co'a noute despente,
Quem na terra os sorrisos lhe entende,
Em que scisma? Não sabe ninguem.

Amo a lua saudosa que vaga
Na campina azulada dos céus,
Porque a lua co'os raios me afaga
E levanta minh'alma até Deus!
Amo a lua porque amo a tristeza,
Porque a lua jámais se despreza
D'escutar meus queixumes de dor;
Porque á luz do meu astro fagueiro
Me deslembro do vil captiveiro,
Do azorrague e do bruto feitor.

Lá da matta na verde cortina,
Infringindo-lhe a sacra mudez,
Porque doce gemeu sururina,
Quem tal dó, quem taes dores lhe fez?

Foi acaso que á mão lamentosa
Os filhinhos comesse a raposa,
Farejando-lhe o ninho no chão?
Ou, quem sabe? o esposo querido
Foi nas unhas atrozes colhido
De faminto, cruel gavião?

E como ella retreme os gemidos
Da tristissima lua ao clarão,
Assim eu os meus ais comprimidos
Desabafo na livre soidão.
Minha dor como a d'ella é segredo,
Que meus labios proferem a medo,
Alta noute, sozinha ao luar.
E' soluço, que o peito comprime,
Porque o negro que chora tem crime,
Porque o negro não deve chorar.

Triste geme nas mattas a brisa,
Mas é livre, mas pôde gemer.
Ledos cantos mais logo improvisa.
Ou co'as nuvens no céu vae correr.
Livrementemente nos galhos ramalha,
Ou cicia soizosa na palha,
Ou dormida emmudece no val.
Ah, não traz ferreo jugo no collo,
Não tem laços que a prendam ao solo,
Como a negra, esse vil animal.

Em que scismo? Por caso em que scisma
Ao sepulchro pergunta-lhe alguém?
Pois a cova em que sonhos se abysma,
Si a verdade das cinzas contém?
Si do tumulo os podres miasmas
Condensando-se geram phantasmas,
Que nos enchem o peito de horror;
A captiva si, ás vezes, tem sonhos,
São terriveis, são negros, medonhos,
Pesadelos, não sonhos de amor.

Em que scismo? Olha mudo e deserto
O roçado, que além se queimou.
Co'um lençol d'alvas cinzas coberto
E' qual garça, que a flexa varou.
Altos troncos, e a gramma rasteira,
E o cipó, que se abraça á palmeira,
Mais a flor, que se prende ao cipó,
E o concerto das aves nos ramos,
E da tarde na matta os reclamos
No silencio lá jazem, no pó!

E o roçado o que é? O sepulchro
Onde pouza a floresta, que ardeu.
Porque arden? Porque o sordido lucro
Faz que o branco até zombe do céu.
Profanadas taes obras divinas,
Este templo pendido em ruinas,
Que a si proprio o Senhor levantou.
Ferreto verme, que mal me descubro
Nos destroços do vosso delubro,
Porque choro? Eu, Senhor, o que sou?

Mas nas ondas de nitida chamma,
Que o roçado prostraram no chão,
Negro fumo no ar se derrama,
Fere as nuvens, desperta o trovão.
Brilha o raio; terrível estala.
Deus ao mundo cholérico falla

Nos rimbombos dos roucos trovões.
Açotados confrangem-se os polos;
Vergam brancos iubelles os collos;
Pulsam medo seus vis corações!

Olinda, 1854.

Trajano G. de Carvalho.

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 157)

«Coitado que mal sabia que um genio máo adejava iroso sobre sua familia!

«Os dois gemios ficaram inconsolaveis, por muito tempo choraram a morte do pai. As ultimas palavras do velho ficaram lhes gravadas indelevelmente no coração, e elles as observaram com fé religiosa, sempre unidos, sempre accordes, sempre gratos e respeitosos á memoria de seu pai. Nada lhes faltava. Honrados, respeitados eram acolhidos pelas melhores sociedades. Prudentes nas suas operações mercantis a fortuna lhes era propicia porque não os cegava a ambição.

«Lá do Céu o espirito do honrado pai velava sobre elles, sua benção derradeira os acompanhava sempre.

«Mas a felicidade precisava de ter o seu fim... as flôres seccaram e o abysmo se patenteou... Parece que Deos teve zelos da ventura daquelles dois homens pois que os abandonou, e o espirito do mal acolheu-os em seu seio com um ser hediondo de prazer...

O velho callou-se por um instante. Via-se que elle apertava com mais força as mãos sobre o peito que arquejava, e os olhos rolavam-lhe nas orbitas com expressão horrivel.

Depois continuou.

«Um dia, um dos gemios encontrou-se casualmente com uma moça. Ve-la foi sentir que aquella jovem não lhe era desconhecida, que era a realidade de um ideal que amava em sonhos, que aninhava no secreto do coração. As roupas que trajava não indicavam opulencia, ántes penuria de meios; um que de ingenuo, de puro, de innocente transluzia-lhe ao semblante. Elle não mais a esqueceu. Seguiu-lhe os passos, syndicou-lhe a vida que levava, seus precedentes, e colheu: que aquella jovem era orphã de pai, que vivia na companhia de sua mãe, que trabalhava para subsistir. Para elle era isso mais que sufficiente.

«Dirigiu-se á casa da moça, bateu, abriram-lhe. Disse quem era,—disse, não por que fosse rico, mas porque sabia que o homem honrado tem cabimento em toda parte. Disse francamente á jovem que a estimava, pediu-a

em casamento á sua mãe e a ella uma resposta dictada unicamente pelo coração.

«Aquellas pobres creaturas se impressionaram, porque pensavam que neste seculo do ouro só é por excepção de regra que o rico desce das galas da opulencia para vir até o pobre, quanto mais ligar a vida á delle.

«Mas nada tinham que lançar-lhe em rosto. Toda Lisboa sabia que os gemios não costumavam gastar seu tempo e seu dinheiro em dissoluções, que seus costumes estavam em opposição aos de quasi todos os moços ricos.

«Com tudo pediram-lhe dois dias para deliberarem. Elle esperou, como se costuma esperar nestas occasiões. Todavia alguma coisa lhe predizia a felicidade.

«O outro irmão estava inteirado de tudo, pois que entre elles não havia segredos.

«No fim do segundo dia foi saber da resposta. Deram-lha. A moça lhe confiava o seu coração e se dizia feliz e grata por tal união. No rosto lhe brilhava a alegria: si ella ainda não amava-o estava perto disso, porque o coração lhe dizia que aquelle homem era capaz de move-lo, de apaixonar-lo á força de tanto o amar. Quando elle lhe perguntou se ella o amaria tanto quanto elle desejava, e que lhe respondeu que sua alma nunca sentira sensação alguma a não ser por seus pais, e que por tanto lha entregava pura tal qual Deos a formára.—aquelle homem exultou, agradeceu a Deos e a ella por tanta ventura.

«Casaram-se.

«Nem elle, nem ella se haviam enganado. Elle amava-a sempre e cada vez mais: ella deixou o coração se abrir, se abrevar de um affecto intimo, singelo qual o de esposos, aos quaes um já amava profundamente, e o outro começava a amar com toda a liberdade, com todo o goso do amor.

«O gemio casado, segundo a recommendação de seu pai moribundo, não mudou de casa; disse ao irmão que trazia-lhe uma irmã, pediu que com ella repartisse a amizade que lhe dedicava a elle.

«Elle o fez... Escuta, mancebo, vás ver agora até que ponto de infamia, de degradação e de miseria pôde chegar o coração humano!... Vás ver, por outro lado, até que ponto o coração do homem pôde tragar a dôr, savoria-la, sondar-lhe o fundo e não desanimar porque anima-o um grito de vingança! Compará o que aquelle homem soffreu aos teus proprios soffrimentos e véras que a desgraça apenas te ha ameaçado, que apenas deste o primeiro passo na carreira do infortunio!

«Foi um anno de delicias o primeiro anno que o casado gosou em companhia de sua esposa. Seu irmão não cessava de felicita-lo, de repetir que pedia a Deos lhe desse uma esposa como a sua. De feito, nada lhe faltava: encontrára nella tudo quanto uma mulher pôde reunir em si para apaixonar um homem.

«Lá do Céu o espirito do honrado pai parecia vellar sobre elles, sua bençãam derradeira acompanha-los sempre.

«Chegamos agora ao reverso do quadro.

«No fim desse anno o irmão solteiro apresentou ao outro este projecto: De estabelecerem uma casa commercial no Brasil, com parte dos fundos da de Portugal; e pedia ao irmão que passasse á este paiz para o fim de escolher uma praça vantajosa ao commercio que tinham em vista.

«O irmão objectou-lhe: Disse que tinham meios sufficientes, e até abastança; que não havia necessidade de tentarem fortuna; que esse projecto indicava summa ambição e seria reprovado por seu pai se elle o pudesse julgar &c.

«Nada porém o convenceu. Uma alteração ia ter lugar a respeito da separação de bens e domicilio, mas o outro cedeu para evita-la.

«Consentiu na empresa. Sómente observou-lhe que era mais natural que o encarregado desta missão fosse elle que era solteiro. O irmão excusou-se: Disse que a sua saude estava fraca, que temia por ella os injões d'uma longa viagem &c. O irmão acreditou-o.

«Sua esposa pediu-lhe que a levasse com sigo, mas elle temendo a viagem e tendo de voltar mostrou-lhe que melhor era ficasse na companhia de sua mãe e irmão. A pobre moça resignou-se e viu seu marido partir deixando-lhe o coração oppresso de saudade e de susto.

«Veio ao Brasil. Percorreu Pernambuco, depois a Bahia e finalmente o Rio de Janeiro, e escreveu ao irmão que esta praça era a que elle julgava mais adequada ao commercio.

«Excusado é dizer que a sua esposa elle escreveu uma carta longa, repassada de amor e de saudade.

«Tres mezes gastara nesta viagem e dois mezes depois ainda não tinha recebido resposta nem do irmão, nem da esposa. Escreveu segunda vez e esperou debalde pela resposta porque esta nunca chegava, e mais tres mezes lá se iam sobre os outros.

«Passou-lhe pela idéa partir immediatamente para Portugal, mas absteve-se, e escreveu terceira. Um máo genio parecia pega-lo

a esta terra: esperou mais trez mezes e a resposta nunca chegava.

«O receio que o tomára á principio se havia transmudado em susto. Não sabia a que devesse attribuir tal caso. Não acreditava que as cartas se houvessem transviado por tantas vezes, e, ainda mesmo que assim acontecesse, de Portugal sua esposa e seu irmão deveriam-lhe ter escripto. De mais, as pessoas que para lá haviam escripto nas mesmas occasiões receberam resposta.

«Finalmente uma carta chegou. A letra era do irmão. Pensou que dentro houvesse carta da esposa: nada!..

«O que este homem experimentou lendo a carta faze-tu idéa, mancebo, se agora te viessem dizer que a tua amante está morrendo...

De facto, o effeito foi rapido: Henrique se levantou empallidecendo e olhando para a porta..

«Senta-te, disse o velho sorrindo talvez á imagem da vingança que se desenhava na quelle movimento de Henrique. Esenta o resto.

«A carta era breve. O irmão apenas dizia: —que sua cunhada morrera, e que elle voltasse á Lisboa—nada mais continha... mas para elle era tudo!..

«—Tú não podes avaliar a dôr daquelle homem—porque nunca sentiste uma esperanza em flôr morrer-te de repente n'alma, nunca sentiste uma lagrima de moribundo banhar-te o coração, nem na hora do passamento invocar teu nome!.. A morte nunca deixou-te um legado á cuja execução se prende a tua vida, porém o mais tudo morreu para ti!.. Quando passares por tudo isto então poderás apreciar a dôr daquelle homem...

«Entretanto, ou fosse presentimento, ou a carta tão laconica lhe desse que pensar, acreditou que a morte de sua mulher estava envolvida em algum mysterio.

«Embarcou-se no primeiro navio que fez rota para Lisboa.

«A viagem durou-lhe um seculo—tanto o atormentava o desejo de ir derramar uma lagrima sobre o tumulo de sua mulher, e saber dos seus ultimos instantes.

«Finalmente avistou Lisboa. Então lembrou-se que d'ahi havia partido com o coração cheio de saudade e amor, porém com o peito cheio de esperanças, e agora regressava com a dôr na alma, o coração enlutecido e as esperanças mortas.

«Seria superstição? Acreditou que o espirito de seu pai o tinha desamparado, que

sua bençãa suprema era substituída pela mal-dição.

« Todavia a consciencia lhe estava pura: perante Deos e os homens elle não se reconhecia réu nem si quer da menor infracção do dever.

« Assim, elle presentiu uma desgraça.

« Desembarcou. Correu a casa do irmão para chorar com elle a sua dôr... era o seu unico amigo... Entrou.—Os criados com os semblantes tristes o receberam n'um signal de alegria... Parecia que tinham medo de mostrarem prazer onde só havia dôr... Perguntou pelo irmão: nada lhe responderam: perguntou pela sogra:—disseram-lhe que morrera de tanto chorar.

(Continúa.)

MOSAICO.

Na margem occidental do Missouri, algumas milhas acima da sua junção com o Yellow-stone (o pedra amarella), as lombas das serras, que estão superiores ao nivel do rio obra de 84 toesas, mostram um phenomeno credor de mui especial observação; por quanto a superficie inteira desse terreno se descobre semeada de troncos, raizes e ramos de arvores, mas tudo convertido em substancia de pedra:—quem as vê, capacita-se que algumas arvores foram arrancadas pelas raizes, outras partidas acima do pé. Dous officiaes das tropas dos Estados-Unidos mediram um dos troncos maiores e acharam-lhe vinte e dous palmos de circumferencia.

Ha um grande numero de phrazes e expressões vulgares, em que se faz allusão aos sete dormentes; e ha tambem um grande numero de pessoas que ignoram a historia destas celebres personagens, e por consequencia o valor exacto da phrase de que se servem, o que nós aqui poremos em breves palavras.

Entre as lendas fabulosas de que estão cheias as antigas chronicas ecclesiasticas, martyrologios e sanctoraes, uma das mais notaveis é a dos sete dormentes, os quaes acordaram no tempo do imperador Theodosio, o moço, e da invasão dos vandalos na Africa. Quando se levantou a perseguição feita aos christãos pelo imperador Decio, sete mancebos nobres, naturaes d'Epheso, esconderam-se dos tyrannos n'uma espaçosa caverna aberta em certa montanha proxima daquella cidade. Soube disto Decio e ordenou que entulhassem a entrada da gruta com grandes pedras. Apenas,

porém, esta ordem cruel se executou os sete mancebos cahiram em somno profundo, que se prolongou milagrosamente, sem lhes consumir as vidas, por um periodo de 187 annos. Passado todo este tempo os escravos de um certo Adocio, que herdára o dominio daquella montanha, precisaram de remover as pedras que tapavam a boca da gruta para construírem varios edificios ruraes. A luz do sol penetrou na caverna e os sete dormentes acordaram. Como, depois de haverem dormido por algumas horas, a fome os apertava, resolveram que um delles chamado Jamblico voltasse disfarçado á cidade de modo que não fosse conhecido dos esbirros de Decio, e comprasse pão para os outros. O mancebo—que tal pelo menos se cria elle—ao sahir da caverna mal pôde reconhecer o aspecto do seu paiz natal, que tão familiar lhe era; e mais espantado ficou vendo ao entrar em Epheso uma cruz triumphalmente erguida sobre a porta principal da cidade. Dirigiu-se a um padeiro, este ficou cheio de assombro ao ver-lhe o traje singular e ao ouvir-lhe a linguagem antiquada, assombro que augmentou quando Jamblico lhe deu para pagar o pão uma medalha com a effigie de Decio, como se fosse moeda corrente do imperio. Jamblico tornou se então suspeito de ter achado algum thesouro enterrado e por isso foi levado á presença do juiz. Pelos interrogatorios e depoimentos descobriu-se finalmente com admiração geral o modo porque Jamblico e os seus companheiros tinham escapado havia quasi duzentos annos á furia do tyranno Decio. O bispo d'Epheso, o clero, os magistrados, o povo e até o imperador Theodosio, foram visitar a caverna dos sete dormentes, que depois de relatarem a sua historia expiraram immediatamente.

Mahomet provavelmente ouviu contar esta lenda, que devia ser vulgar na Syria já no sexto seculo, e assim introduziu-a no Koran como uma revelação divina. A historia é, por tanto, conhecida não só entre os christãos da Europa, mas tambem entre as nações da Africa e da Asia que seguem a religião mahometana.

Em certa época em que grande numero de titulos foram concedidos pelo governo, compoz um poeta o seguinte

Foge, cão,
Que te fazem barão;
Mas p'ra onde,
Se me fazem visconde?

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 160.)

SIM.—*(Baixo)*. Pobre senhora! nem por isso está muito alegre... *(Alto)*. Vinhamos dizer-vos adeus, minha senhora...

MAR.—Partís?—assim devia ser... creis os meus dous unicos amigos... assim devia ser...

SIM.—*(Baixo)*. Qual alegria! as suas palavras cortam-me o coração... *(Alto)*. A razão é esta, minha senhora: vou casar-me com a filha do meu sogro: não quero fazê-la esperar. Quando uã moça tem de casar-se com um rapaz como eu, muito lhe deve custar o estar esperando...

GRA.—Eduardo!

SIM.—Deve custar muito, meu sogro. Deixe estar que hei de recompensá-la. D'aqui a dous dias partimos, minha senhora; mas si até então V.^a Ex.^a precisar de nós...

MAR.—Muito obrigada, meus amigos... *(Com tristeza)* de mais nada preciso... mais nada...

GRA.—V.^a Ex.^a diz isto de um modo... Ah! minha senhora, deixe-me fallar francamente: julgavamos vir encontrá-la feliz e consolada de todos os soffrimentos passados pela ventura presente, e...

MAR.—E vindes achar-me cada vez mais triste, mais abatida...

SIM.—E' verdade.

GRA.—No entretanto V.^a Ex.^a recobrou o coração de seu marido...

MAR.—Sim, mas não pude varrer delle o ciúme e a suspeita. Ama-me, bem o sei; mas duvida de mim! Oh! seu amor irá pouco a pouco se extinguindo, como já desapareceu sua confiança, e com ella a nossa mutua felicidade!

SIM.—*(Baixo)*. Pobre senhora! o seu estado despedaç-me a alma!

GRA.—E' necessario que V.^a Ex.^a o distraia, minha senhora, e procure tambem distrahir-se.

MAR.—Debalde tenho procurado fazê-lo. A minha estada nessa prisão imprimiu sobre a minha vida uma nodoa, que jamais poderei apagar.

SIM.—Mas não ha quem não saiba que V.^a Ex.^a era innocente.

MAR.—E entretanto quem me déra não vêr ninguem! quem me déra viver só com Fernando, longe do bulicio do mundo, longe das vistas de todos! Não o quiz, procurando rehabilitar-me aos olhos do mundo,

assim como ao seu proprio coração. Balda-do esforço! No baile, uns olhavam para mim com uma insultante compaixão, outros com desprezo, e todos fugiam-me, como si minha presença os envergonhasse.

GRA.—Quem me déra vêr-vos mais feliz, antes da nossa partida!

MAR.—Feliz!...

SIM.—Quem me déra podervos ser util para alguma cousa!

MAR.—Vós não podeis ser-me uteis, porque meus inimigos são mui poderosos, mui ardilosos!

GRA.—Sim; principalmente o tal senhor Conde...

SIM.—E sua amavel esposa, que não lhe fica atraz...

MAR.—Ignoro que nova cilada pretendem armar-me: ha dias á esta parte que me tratam com uma bondade affectada, que me assusta, principalmente a Condessa, que tem sido sempre o meu máu anjo.

SIM.—V.^a Ex.^a deve desconfiar dessa bisca, minha senhora.

MAR.—O que pretenderão elles de mim? já não me arrancaram a confiança de meu marido? já não me reduziram ao estado em que me vejo? Fiz mal em luctar contra o orgulho dessa gente: devêra antes esquecer Fernando; mas o amor dominou minha vontade, e para essa familia é este o meu maior crime.

CREADO.—*(Annunciando)*. O sr. Conde e a sra. Condessa.

GRA.—Não achas melhor pormo-nos ao fresco, Simões?. *(Baixo)*.

MAR.—Não quero vê-los.

CREADO.—S.^{as} Ex.^{as} veem fallar com o sr. Visconde.

MAR.—Dize-lhes que meu marido não está em casa, e que eu não posso fallar-lhes. *(A Graça e a Simões)*. Até sempre, meus amigos. *(Sabe pela direita, o creado vae ao fundo e introduz o Conde e a Condessa)*.

GRA.—Então, Simões, não vens?

SIM.—Não: fico para desmanchar alguma tramoia de similhante gente!

GRA.—Então tambem fico: tu sem mim nada podes fazer.

SIM.—*(A' parte)*. Olhe que é muito pedaço d'asno este meu sogro!

(Continúa.)